

# Conceitos inadequados

## *Tradição Anarquista Ampla*

Os autores de *Black Flame* usam um conceito, o de *Tradição Anarquista Ampla*, que lhes permite agrupar sob o mesmo nome práticas e movimentos históricos de natureza anarquista, próximos ou descritos como próximos do anarquismo.

O que Michael Schmidt e Lucien van der Walt chamam de “anarquismo de massa” (isto é, do ponto de vista deles, anarquismo comunista) + sindicalismo revolucionário) é um conceito que permite a inclusão do anarquismo e do sindicalismo revolucionário em uma única categoria, o que historicamente não se justifica. Tanto o anarquismo “de massa” quanto o anarquismo insurrecionalista fariam parte da *Tradição Anarquista Ampla*, mas seriam distinguidos por duas “estratégias” diferentes. O que é questionável na abordagem de Schmidt e van der Walt é que eles não dizem que muitos militantes anarquistas eram relutantes, até mesmo hostis, ao sindicalismo, e que as relações entre o anarquismo e o sindicalismo revolucionário nem sempre foram idílicas. Além disso, como o insurrecionalismo é caracterizado por seu antissindicalismo e oposição à organização, é difícil entender como ele pode ser classificado sob o título “anarquismo” ao mesmo tempo que “anarquismo de massas”, cujas orientações estratégicas são completamente opostas. Então, quando nossos dois autores quiserem explicar que o sindicalismo é uma “estratégia” do anarquismo, eles terão que nos explicar esse paradoxo. Eles só criam confusão.

A filiação a essa “ampla tradição anarquista” pode até mesmo ser concedida a correntes ou indivíduos que não têm consciência de fazer parte dela, ou que não querem fazer: assim, o sindicalismo revolucionário, considerado uma “estratégia anarquista de massas”, deve ser integrado a essa ampla tradição anarquista, independentemente de seus militantes aceitarem ou não essa “genealogia anarquista” – e na maioria das vezes eles não aceitam. Michael Schmidt e Lucien van der Walt introduzem, portanto, no modo de raciocínio anarquista um conceito ao qual o discurso leninista nos acostumou, mas nunca o discurso anarquista: o de ser “objetivamente” algo diferente do que se afirma ser. Os sindicalistas revolucionários que não se autodenominam anarquistas são, portanto, no raciocínio de Michael Schmidt e Lucien van der Walt, “objetivamente” anarquistas...

O conceito de “ampla tradição anarquista”, mencionado 200 vezes no livro, não é realmente definido: há um capítulo intitulado “O que é a *ampla tradição anarquista*”?, mas deixa o leitor querendo mais. Por outro lado, temos inúmeras ilustrações – pontilhistas, mais uma vez – que nos permitem traçar um contorno. Portanto, os seguintes caracteres ou movimentos estão incluídos neste conceito:

- O Congresso de Basileia da AIT em 1869;

- Os Mártires de Chicago de 1887;
- A greve dos mineiros de Joanesburgo em junho de 1918;
- Ōsugi Sakae, Itō Noe e uma criança de seis anos espancada até a morte pela polícia de Tóquio em 1923;
- A revolta contra Franco em junho de 1936;
- Os 250 000 manifestantes na Cidade do México em outubro de 1968;
- As centenas de milhares de manifestantes em Seattle em novembro de 1999 contra a conferência da OMC.

Na categoria “*Ampla Tradição Anarquista*” também é preciso incluir sindicalistas revolucionários como Daniel De Leon (1852–1914), que rejeitou claramente o anarquismo, James Connolly (1868–1916) e William Big Bill Haywood (1869–1928). No entanto, as principais figuras de referência para definir o anarquismo e o sindicalismo revolucionário são Bakunin (1814–1876) e Kropotkin (1842–1921).

“O que tudo isso tem em comum? ?” pergunte aos autores de *Black Flame*?

“O que une figuras como Bakunin, Spies, Ōsugi, Flores Magon, a Primeira Internacional, os mártires de Chicago, os sindicalistas revolucionários de Tóquio, os ativistas de Joanesburgo e da Cidade do México, os revolucionários de Barcelona e muitos manifestantes em Seattle?”

A resposta de Schmidt-van der Walt é que “todos eles fazem parte da grande tradição anarquista”. Isso sempre nos leva ao raciocínio circular: X, Y e Z são parte da *Ampla Tradição Anarquista* porque eles são parte da *Ampla Tradição Anarquista*.

O caráter recuperativo da noção de *Ampla Tradição Anarquista* se manifesta nas ações que lhe são atribuídas. É ela que constitui um “movimento internacional e internacionalista” (p. 23) que se opõe à opressão nacional e ao preconceito racial, é ela quem se encontra “na vanguarda das tentativas de organizar as classes populares para além das barreiras da nacionalidade e da raça”. Foi ela que “se desenvolveu como um movimento com apoiadores de quase todas as nacionalidades e raças do mundo, com organizações em todo o mundo, e que desempenhou um papel fundamental nas lutas por direitos iguais e contra a segregação (por exemplo, em Cuba, Japão, México, Estados Unidos e África do Sul), nas lutas anti-imperialistas e nos movimentos de libertação nacional (por exemplo, na Bulgária, Coreia, Macedônia, Ucrânia) e na oposição ao militarismo e à guerra entre povos e estados” (p. 23).

O anarquismo que Schmidt e van der Walt afirmam seguir é um anarquismo de “classe”, que, no entanto, não deve ser confundido com o operáismo que fetichiza o “operário de fábrica usando botas pretas e capacete de segurança”

(p.7)<sup>1</sup>. As noções de classe trabalhadora e campesinato devem ser entendidas de forma ampla e incluir os empregados que não têm controle sobre seu trabalho, estejam eles empregados na agricultura, indústria ou serviços, sejam eles precários ou em regime de meio período, bem como suas famílias e os desempregados. Esta é uma definição do proletariado que se assemelha muito à da CGT-SR (fundada em 1926, o mesmo ano da plataforma de Archinov). O anarquismo de referência para a *Ampla Tradição Anarquista* considera as classes trabalhadoras como internacionais, multinacionais e multirraciais – uma posição perfeitamente ortodoxa em princípio, do ponto de vista anarquista, na minha opinião.

Os autores de *Black Flame* contestam a ideia de que o anarquismo é um ressurgimento do mundo pré-capitalista, mas é, na verdade, “uma resposta à ascensão do capitalismo e do Estado moderno”. Surgiu como “parte integrante do movimento socialista moderno e do movimento operário”. Aqui, novamente, esta é uma posição completamente ortodoxa, com a ressalva de que não vejo como reconhecer que o anarquismo pode ter tido precursores nos impede de reconhecer que ele é uma resposta moderna à luta contra o capitalismo e o Estado hoje.

Mais recentemente – novamente de acordo com *Black Flame* – houve um “ressurgimento do sindicalismo revolucionário após o restabelecimento da Confederação Nacional do Trabalho (CNT) na Espanha em 1977. O fato em si é correto, embora eu diria que era mais anarco-sindicalismo.

Também deve ser destacado que a CNT, que foi reconstituída imediatamente após a morte de Franco, experimentou um ressurgimento muito significativo de interesse que seus líderes não conseguiram capitalizar e que, conseqüentemente, não se expandiu de forma espetacular porque suas práticas e referências estavam longe de torná-la uma “resposta à ascensão do capitalismo e do Estado moderno”. Além disso, a CNT de “novo estilo” se dividiu com a criação da CGT, que certamente não se desenvolveu de forma espetacular, mas não insignificante, e que mantém uma coerência interna, enquanto a CNT passou por uma série de divisões cujos meandros são difíceis de seguir, resultando na existência de várias CNTs, cada uma se referindo a diferentes organizações Internacionais.

Quanto ao “rápido desenvolvimento do anarquismo na década de 1990”, é sem dúvida esta forma de anarquismo mencionada por *Black Flame*, que faz parte da “ampla Tradição Anarquista”, mas cujos contornos são extremamente vagos e cuja concretização em termos de organizações não é muito clara.

### ***Uma visão mais “historicamente precisa” do anarquismo?***

É possível entender a atração que muitos ativistas podem sentir ao ler *Black Flame*, que enfatiza os sucessos do movimento libertário internacional e que combate o que chamei há alguns anos de “complexo de inferioridade” vivenciado por muitos anarquistas, na maioria das vezes por desconhecimento da

---

1 “A ampla tradição anarquista enfatiza a classe, mas isso não deve ser confundido com um operanismo grosseiro que fetichiza trabalhadores de fábrica do sexo masculino com botas pesadas e capacetes.” *Black Flame*, pág. 7.

história de seu próprio movimento.<sup>2</sup>

Entretanto, a preocupação legítima dos autores de *Black Flame* em restabelecer a verdade e varrer esse “complexo de inferioridade” os empurra para aproximações que não necessariamente atendem aos seus objetivos. Falarei apenas sobre o caso da França: se é verdade que o movimento anarquista e o sindicalismo revolucionário dominaram o movimento operário, isso ocorreu apenas por um período muito curto. E mesmo, na época em que essas duas correntes eram muito fortes na CGT francesa, elas não eram as únicas e tiveram que enfrentar uma corrente reformista que não era insignificante no início, depois muito poderosa após 1906. Quanto ao caráter sindicalista revolucionário da CGT, é em parte um mito. O período durante o qual o sindicalismo revolucionário foi poderoso na CGT francesa situou-se entre 1900 e 1910. Depois de 1910, ou seja, depois de graves fracassos da liderança confederal em greves, muitas vezes sangrentas e após a adesão de poderosas federações reformistas, a confederação fez a escolha de cessar a prática do confronto permanente. Portanto, devemos ser extremamente cuidadosos ao tentar restabelecer fatos históricos e evitar criar novos mitos.

Não sei o suficiente sobre a história do movimento trabalhista nos outros países mencionados por Schmidt e van der Walt (Argentina, Brasil, Chile, Cuba, México, Peru, Portugal e Uruguai) para fazer um julgamento. Conheço apenas um pouco da história do movimento operário brasileiro para reconhecer *a*) que se o movimento anarquista foi fortemente desenvolvido lá, ele também foi muito dividido; *b*) que o sindicalismo revolucionário teve um desenvolvimento significativo lá, mas nada comparável em termos de organização e números ao exemplo espanhol. Podemos, portanto, assumir que, na sua – compreensível – preocupação de esclarecer as coisas, Schmidt e van der Walt superestimaram um pouco a importância relativa do movimento libertário em certos outros países. No entanto, eles escrevem que queriam dar uma visão mais “historicamente precisa” do *anarquismo* e do *sindicalismo*.

De acordo com Schmidt e van der Walt, o “Anarquismo de luta de classes”, também chamado de *anarquismo revolucionário* ou anarquismo comunista, “não é um tipo de anarquismo; Na nossa opinião, este é o *único* anarquismo”.<sup>3</sup> Esta é uma afirmação que ilustra perfeitamente meu ponto de vista.

---

2 Cf. minha introdução a *Negras Tormentas* (2011): “É indiscutível que durante muito tempo, os libertários foram submetidos – prefiro dizer, submeteram-se – à influência intelectual do marxismo e foram vítimas de uma espécie de complexo de inferioridade difuso.”

Cf. também: *Kropotkin e a Grande Guerra* (2014): “Por uma espécie de inexplicável complexo de inferioridade, os libertários não conseguiram se defender desses ataques e adotaram, diante das críticas, uma atitude embaraçada.”

Cf. também: *O Fim da Primeira Internacional* (2015): “O movimento libertário, sofrendo de uma espécie de complexo de inferioridade em relação ao marxismo e vítima da síndrome do mártir, sempre reagiu à história da AIT como se os antiautoritários tivessem sido vítimas. *É exatamente o oposto.*”

3 *Black Flame*, pág. 19.

Há três denominações aqui:

- Anarquismo de luta de classes
- Anarquismo revolucionário
- Anarquismo comunista.

Esses três anarquismos são equivalentes, sinônimos. Mas usar “luta de classes” para descrever o anarquismo é um pleonasma, na minha opinião. Achamos que seria uma boa ideia fazer esse esclarecimento porque *muito depois* do surgimento do anarquismo, um anarquismo foi “inventado” que não reconhecia a luta de classes, mas esta inovação não tinha legitimidade para se autodenominar anarquistas.

O mesmo argumento se aplica ao “anarquismo revolucionário”, um conceito que implicaria a existência de um anarquismo não revolucionário, ou seja, um anarquismo “reformista” que não questionaria os fundamentos do atual sistema capitalista e estatal. Não faz sentido.

Chegamos, portanto, ao “anarquismo comunismo”, que é um termo *preciso*, que designa um anarquismo distinto do coletivismo. Este conceito faz parte do debate que opôs os sucessores de Bakunin (os coletivistas) e os apoiadores de Malatesta e Kropotkin. O problema é que esse termo foi proclamado pela primeira vez pela Federação Italiana da AIT antiautoritária no congresso de Florença de 1876 por Costa, Errico Malatesta, Carlo Cafiero e Covelli. Esta posição é tomada, lembro-vos, *em oposição à posição de Bakunin*, que se referia ao coletivismo. O anarquismo e o comunismo seriam oficializados de alguma forma no congresso anarquista internacional em Londres, em 1881, com a bênção de Kropotkin, que daria seu apoio teórico ao “tirar da pilha” e ao princípio “a cada um segundo suas necessidades”. Este é o período em que começam os ataques anarquistas – o “insurrecionalismo”. Mas alguém terá de me explicar como o assassinato de um garçom em um café ou de clientes faz parte da luta de classes e avança a revolução proletária - embora seja verdade que não se trata de fazer a revolução proletária, mas de emancipar toda a humanidade.

Estamos completamente confusos.

Schmidt e van der Walt também contestam a distinção feita entre comunismo anarquista e anarco-sindicalismo:

“Muitos autores fizeram uma suposta distinção entre ‘comunismo anarquista (...) talvez a doutrina anarquista mais influente’ e ‘outra doutrina de importância comparável, o anarcossindicalismo’. Rejeitamos essa abordagem que é uma análise enganosa da grande tradição anarquista. Essa suposta distinção não só esteve ausente da maioria dos escritos anarquistas até recentemente, como também não funciona como uma descrição de diferentes tendências dentro da *Ampla Tradição Anarquista*.”<sup>4</sup>

Tal afirmação, mais uma vez, anula completamente qualquer abordagem histórica, ou seja, realista, da questão. Afirmar que não há distinção entre comunismo anarquista e anarcossindicalismo não é sério. Isto é ignorar os conflitos, às vezes violentos, que opuseram o anarcocomunismo ao ramo sindicalista do movimento, qualquer que seja o nome que lhe dermos. Além disso, o anarcossindicalismo é uma corrente relativamente recente, que foi formada não em relação ao anarquismo, mas em relação ao sindicalismo revolucionário (e eu diria até mesmo, em oposição a ele): é o resultado de uma ruptura ocorrida *dentro do movimento sindicalista revolucionário* na época da Revolução Russa.

É verdade que o uso do termo “anarcossindicalista” aparece,  *muito ocasionalmente*, na imprensa na França (e sem dúvida em outros lugares) por volta de 1900, para designar anarquistas engajados individualmente em ações sindicais.<sup>5</sup> É usado em conjunto com os termos “anarquista sindicalista” ou “syndicalo-anarchiste”. Mas nunca designa um *movimento*, designa *indivíduos*. Após a Revolução Russa, o termo “anarcossindicalista” foi usado principalmente de forma pejorativa por socialistas e comunistas para designar os sindicalistas revolucionários que se recusavam a se juntar à Internacional Sindical Vermelha. O anarcossindicalismo tornou-se um movimento político e sindical por direito próprio em 1922, com a fundação da Segunda AIT, mas com a particularidade de que os fundadores desta Internacional continuaram a se referir ao sindicalismo revolucionário, do qual se consideravam os autênticos representantes. Os textos fundadores da AIT de Berlim definem muito claramente o que é anarco-sindicalismo, mas não reivindicam o termo.

Houve um período de cerca de quinze anos durante o qual o anarco-sindicalismo, como uma corrente explícita no movimento operário, existiu de fato, mas sem aceitar a denominação. Os ativistas falaram sobre isso, se autodenominaram anarco-sindicalistas, mas *não os textos do congresso*.

Quando em 1926 ocorreu uma cisão na CGT francesa que deu origem a uma nova organização chamada “CGT-Sindicalista Revolucionária”, esta era *de fato* uma organização anarco-sindicalista, mas sua referência permaneceu o sindicalismo revolucionário. A CGT-SR destacou-se porque repudiou a noção de “neutralidade sindical” afirmada pela Carta de Amiens: não queria apenas ser *neutra* em relação aos partidos, afirmou-se *em oposição aos* partidos políticos:

“consequentemente, [o congresso] afirma que os esforços do proletariado devem tender, não apenas a derrubar o regime atual, mas também a tornar impossível a tomada do poder e seu exercício por todos os partidos políticos que disputam ferozmente sua posse. É assim que o sindicalismo deve saber aproveitar todas as tentativas dos partidos de tomada do poder, para desempenhar o seu próprio papel decisivo que consiste em destruir esse poder e substituí-lo por uma

---

5 Cf. René Berthier, “Sobre a origem do anarco-sindicalismo”, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article 603>

ordem social baseada na organização da produção, da troca e da distribuição, cujo funcionamento será assegurado pelo jogo da máquina sindical em todos os níveis. [...]

“Somente sob esta condição as revoltas revolucionárias do povo, até então utilizadas e dirigidas pelos partidos políticos, finalmente tornarão possível provocar uma mudança notável na ordem econômica e social, conforme exigido pelo desenvolvimento das sociedades modernas.”<sup>6</sup>

Estou apenas fornecendo aqui de forma extremamente resumida os resultados de pesquisas que realizei, e que estão naturalmente sujeitas a esclarecimentos e modificações.<sup>7</sup> O termo “anarco-sindicalismo” para designar uma corrente no sentido positivo do termo (e não como um insulto sob a pena de comunistas e sindicalistas revolucionários pró-comunistas) apareceu pela primeira vez na Espanha em 1928, ao que parece. Segundo Frank Mintz, o termo *anarco-sindicalismo* “começou a suplantá-lo de 'sindicalismo revolucionário' a partir de julho de 1928, na obra do líder da CNT, Juan Peiró, e quando ele escreveu em catalão”.<sup>8</sup> Foi em 1928 que Peiró deu sua definição de anarco-sindicalismo. Frank Mintz acrescenta: “Em 1932, um líder de estatura nacional, Horacio Preito, publicou *Anarco-Sindicalismo. Como celebraremos a revolução*. Em 1933, Valeriano Orobón Fernández publicou um apelo por uma aliança operária na qual utilizou os termos anarcossindicalismo” e “anarcossindicalista” três vezes (em Peirats, *A CNT na Revolução Espanhola*, volume I, Éditions Noir et Rouge).”

A expressão foi imposta durante o congresso da AIT realizado em Paris em 1937, em um relatório feito por Pierre Besnard, um dos fundadores da CGT-SR.

A maneira como os autores de *Black Flame* veem a relação entre anarquismo e anarco-sindicalismo os impede – e seus leitores – de ter uma compreensão histórica da questão. Enquanto para eles o anarco-sindicalismo naturalmente parece ser um produto do anarquismo, do qual seria de alguma forma a simples variante “sindicalista”, os fatos mostram que o anarco-sindicalismo é diretamente derivado do sindicalismo revolucionário, do qual é de alguma forma uma cisão, e que muitas vezes até mesmo esteve em oposição ao anarquismo. Além disso, enquanto Schmidt e van der Walt dão uma data de nascimento – fantasiosa, é verdade – do anarquismo, mas uma data de nascimento mesmo assim (1860-1870), nunca temos nenhuma “data de nascimento” do anarco-sindicalismo.

É claro que isso não significa negar que existam ligações entre anarquismo e anarcossindicalismo, mas este último não pode, em caso algum, ser definido como uma “variante” deste, simplesmente por causa de seu processo de formação, que não pode, em caso algum, identificá-lo com um “clone” do

---

6 Carta de Lyon, 1 e 2 de novembro de 1926. <http://www.cnt-f.org/la-charte-de-lyon-1926.html>

7 Sobre a origem do anarco-sindicalismo, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article603>

8 Correspondência especial.

anarquismo.

### ***Função do conceito de “Ampla Tradição Anarquista”***

O anarquismo e o sindicalismo revolucionário estão repletos de debates e oposições, mas há, segundo os autores, um núcleo de ideias que são suficientemente coerentes para serem consideradas parte da *Ampla Tradição Anarquista*. :

“Embora a tradição compartilhe princípios e objetivos comuns, ela é caracterizada por grande diversidade e por grandes debates sobre táticas, estratégias e características da sociedade futura. Para lutar no presente, aprender com o passado e criar o futuro, o anarquismo invoca o racionalismo, o pensamento crítico e a ciência, e acrescenta uma paixão pela justiça e pela criação de um mundo e de uma comunidade humana universal, livre de desigualdades e hierarquias econômicas.” (pág. 7)

Os autores pretendem, portanto, examinar as ideias e a história dessa tradição anarquista desde seu surgimento. É, dizem eles, “uma tradição rica em ideias, que teve um enorme impacto na história dos movimentos da classe trabalhadora e camponesa, bem como na da esquerda em geral” (p. 8). A *Ampla Tradição Anarquista* tem recebido mais atenção recentemente devido ao papel proeminente desempenhado pelos anarquistas nos movimentos antiglobalização e no renascimento de correntes sindicalistas revolucionárias. É um movimento internacional que não pode ser verdadeiramente compreendido se limitarmos nosso olhar ao anarquismo ocidental.

Pode-se especular sobre a função do conceito de *Tradição Anarquista Ampla* – um conceito bastante vago e que inclui elementos díspares.

a) Isso envolveria desafiar a ideia de que o anarquismo nunca foi nada além de um fenômeno minoritário, “o primo pobre das tradições da esquerda” (p. 9). Ao recorrer a uma “tradição” mais ampla, o “perímetro” do movimento é assim alargado;

b) Trata-se também de contestar a ideia segundo a qual o anarquismo (ao qual se acrescenta o sindicalismo revolucionário) seria um fenômeno originariamente europeu, ou mesmo francês: “demonstramos que o anarquismo de massas e os movimentos sindicais revolucionários surgiram em um certo número de regiões, em particular em certas partes da Europa, das Américas e do Leste Asiático.” (pág. 9.)

Acredito que ninguém contesta a ideia de que o sindicalismo revolucionário surgiu “em diversas regiões, particularmente em partes da Europa, das Américas e do Leste Asiático” — em outras palavras, em outros lugares além da França ou da Suíça. Mas Schmidt e van der Walt estão presos em uma contradição: por um lado, eles tentam contestar a ideia de que o sindicalismo revolucionário é uma

“invenção” europeia, mas, ao mesmo tempo, apontam Bakunin como seu “fundador”.

A *Ampla Tradição Anarquista* seria uma alternativa radical e popular ao neoliberalismo, uma possível saída diante do colapso das alternativas progressistas. Permitiria propor “um rico repertório de ideias e ações particularmente adequadas ao período atual. Entre outras coisas, pode desempenhar um papel fundamental na renovação do projeto socialista”. A “ampla tradição anarquista” surgiu como um movimento do campesinato e da classe trabalhadora, mas “as lutas contemporâneas contra o neoliberalismo teriam muito a aprender com um exame de suas ideias e história”. (pág. 13.)

É claro que este discurso visa dar crédito ao anarquismo por eventos que certamente estão próximos dele, mas que, *estritamente falando, não fazem parte dele*. Como tal, o sindicalismo revolucionário é central na história da *ampla tradição anarquista*. Sabemos que a palavra “sindicalista” em inglês se traduz como “sindicalismo revolucionário”; o “sindicalismo” (sem qualquer outro qualificador) no sentido francês do termo, sendo chamado de “trade unionism”. Schmidt-van der Walt também especifica que “quando falamos de *sindicalismo*, queremos dizer um movimento *sindical revolucionário* capaz de uma grande variedade de táticas e ações”.

Segundo os dois autores sul-africanos, é evidente que o sindicalismo revolucionário é parte integrante da história do anarquismo. O sindicalismo revolucionário tem sido frequentemente apresentado como um movimento distinto do anarquismo, ou mesmo hostil a ele. “Pelo contrário, demonstramos que o sindicalismo revolucionário sempre fez parte da *ampla tradição anarquista*.” Isto aplica-se a todas as principais variantes do sindicalismo:

“Anarco-sindicalismo (que se situa na tradição anarquista), sindicalismo revolucionário (que não se refere a ele explicitamente, devido à ignorância ou à negação tática do vínculo com o anarquismo), o Leonismo (uma forma de sindicalismo revolucionário que afirma ser marxista) e o sindicalismo de base (uma forma de sindicalismo que constrói grupos que coexistem com sindicatos ortodoxos, mas que são independentes). O sindicalismo revolucionário, por definição, é uma *estratégia anarquista*, não um rival do anarquismo.” (p.16)

Mas Schmidt e van der Walt vão mais longe:

“O sindicalismo revolucionário tem sido frequentemente considerado como tendo surgido na França na década de 1890; Mostramos, pelo contrário, que foi Bakunin, na década de 1860, e não Sorel quarenta anos depois, o principal teórico do sindicalismo revolucionário, e que houve uma primeira onda de sindicalismo revolucionário nas décadas de 1870 e 1880.” (p. 16.)

O fato de alguns sindicalistas revolucionários terem se identificado como marxistas ou rejeitado o rótulo de anarquistas não diminui seu lugar na *Ampla Tradição Anarquista* porque, dizem os autores de *Black Flame*, “não usamos autoidentificação, mas sim ideias como base para inclusão na *Ampla Tradição Anarquista*”.

“Muitos dos ideais e práticas associados à *Ampla Tradição Anarquista* – ação direta, democracia participativa, a ideia de que os meios devem corresponder aos fins, solidariedade, respeito pelo indivíduo, rejeição da manipulação, ênfase na importância da liberdade de opinião e diversidade, e oposição à opressão por raça, nacionalidade, gênero – são precisamente aqueles que atraem milhões de pessoas na era pós-soviética.

“Esses ideais e práticas anarquistas foram constantemente projetados para evitar o destino que se abateu sobre o marxismo clássico. Ao enfatizar valores antiautoritários, maximizar a democracia e valorizar a autogestão, a *Ampla Tradição Anarquista* buscou impedir o surgimento de novas elites governantes dentro das lutas populares.” (pág. 25.)

Esta é provavelmente a passagem de *Black Flame* que nos dá a ideia mais precisa do que é a “ampla tradição anarquista”.

O que Schmidt e van der Walt dizem sobre a gênese de seu livro nos dá mais um esclarecimento. Originalmente concebido como um panfleto, os autores ficaram surpresos com a riqueza do que eles chamam de *Ampla Tradição Anarquista*: “Nossos olhos se abriram para um mundo inesperado, uma história global desconhecida até mesmo para muitos anarquistas e sindicalistas revolucionários.” Foi uma história “cheia de sacrifício, tragédia, sofrimento e, às vezes, até humor e emoção, mas marcada por heroísmo, criatividade, beleza e conquistas. Ficou claro que não estávamos apenas escrevendo o obitório de um movimento ou uma narrativa retrospectiva, mas que estávamos falando sobre uma tradição viva de grande interesse para muitas pessoas que querem mudar o mundo.” (p. 27)

Esta é, sem dúvida, a passagem mais bonita do livro.

Penso, no entanto, que o conceito de *Tradição Anarquista Ampla* não tem utilidade real, exceto para integrar ao anarquismo fatos que não se enquadram nele, mas que têm um caráter incontestavelmente antiautoritário.

A passagem onde Schmidt e van der Walt descrevem sua admiração por essa história que estão descobrindo é simplesmente a história do movimento operário internacional que eles estão descobrindo; mas que essa história é “desconhecida até mesmo por muitos anarquistas e sindicalistas revolucionários” é uma declaração pela qual eles são os únicos responsáveis. Sempre notei a grande ignorância dos militantes anarquistas com relação à história do movimento operário.

Em vez de criar um conceito vago destinado a incluir em o anarquismo de

pessoas e correntes que não fazem parte dele, ou que não querem fazer parte dele, havia *uma maneira muito simples de expressar a mesma ideia*: usando uma expressão já existente e, em última análise, mais relevante: tratava-se de falar de uma “corrente antiautoritária” ou “Ampla tradição antiautoritária”.. Movimentos que rejeitam o termo anarquista, mas com os quais há afinidades e convergências reais, poderiam ter se reconhecido neste nome.

|  |   |
|--|---|
| Conceitos inadequados.....                               | 1 |
| Tradição Anarquista Ampla.....                           | 1 |
| Uma visão mais “historicamente precisa” do anarquismo? 3 |   |
| Função do conceito de “Ampla Tradição Anarquista”.....   | 8 |